

Blitzkrieg: a importância da ruptura em Sedan para a teoria da guerra*

Renato Rangel Ferreira**

Foi um ataque relâmpago, uma *blitzkrieg*¹, como noticiaram os jornais da época. Em maio de 1940, uma impetuosa ofensiva alemã rompeu a linha de defesa francesa na cidade de Sedan, fronteira entre França e Bélgica. Em exatos sete dias, as tropas germânicas atravessaram todo o Norte da França e atingiram o Canal da Mancha, dividindo e isolando os exércitos aliados do restante do país. Esse feito sem precedentes do Exército alemão fez mudar o rumo dos acontecimentos na Segunda Guerra Mundial. A França capitulou. Essa nova forma de combate, combinando surpresa, velocidade e forte poder de fogo, entrou definitivamente para a história militar.

Este artigo pretende avaliar a importância desse embate para a teoria da guerra. Para tanto, serão apontados alguns dos fatores que contribuíram para o sucesso alemão nesse enfrentamento. Um sucesso que vai muito além do mero êxito obtido na ruptura da linha de defesa francesa, pois o feito carregou em seu bojo a concorrência de várias inovações que ali puderam ser postas à prova.

Assim sendo, iniciaremos esta análise buscando as raízes históricas desse episódio. Voltaremos à Primeira Guerra Mundial, quando a adoção de uma nova forma de combate veio eliminar o movimento de tropas do campo de batalha. Em seguida, veremos como se deu o

desenvolvimento da doutrina de emprego de forças, tanto na França como na Alemanha. Veremos, também, os planos desenvolvidos por ambos os lados, antes de chegarmos ao fatídico dia 10 de maio de 1940, dia do início do ataque alemão. Analisando os acontecimentos dessa ofensiva, buscaremos revelar a forma como os alemães colocaram em prática sua revolucionária concepção para o uso de força e quais foram as conseqüências do avassalador sucesso obtido.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Primeira Guerra Mundial: o fim do movimento no campo de batalha

A Primeira Guerra Mundial consagrou, dentre outros, o uso de dois artefatos militares: a metralhadora e o canhão de artilharia pesada. A ampla utilização desses armamentos, com seus altos graus de letalidade, mudou o padrão vigente do combate terrestre. A trincheira passou a ser o melhor meio para a sobrevivência dos soldados.

O uso desses abrigos se mostrou particularmente intenso na frente de contato entre franceses e alemães. Essa forma de condução do combate fez suas linhas de defesa se estenderem do Canal da Mancha até a fronteira da Suí-

* Colaboração do autor.

** O autor é Capitão-de-Fragata (Fuzileiro Naval).

¹ A expressão *blitzkrieg*, em sua tradução do alemão, significa guerra relâmpago. Esse termo foi cunhado pelos jornais, na época da Segunda Guerra Mundial, para descrever os ataques alemães com carros-de-combate e aviões, caracterizados por sua violência e velocidade tanto na ruptura como na penetração das defesas inimigas.

ça. Essa frente pouco se alterou durante todo o desenrolar da guerra. As penetrações, para ambos os lados, nunca atingiram mais do que 16km. As tropas perderam toda a sua mobilidade.

A retomada da mobilidade foi tentada diversas vezes ainda naquela guerra. Novas táticas de avanço e novos armamentos foram introduzidos no combate. Uma arma, em particular, teve sua estréia nesse conflito: o carro-de-combate blindado. O potencial bélico dessa invenção, todavia, não pôde ser completamente explorado. Para o seu pleno emprego faltava, ainda, o desenvolvimento de doutrina adequada.

O desenvolvimento da doutrina francesa

O distanciamento conferido pelos anos nos permite, hoje, avaliar como uma mesma invenção tecnológica, recebendo tratamento diferenciado, pode resultar em formas tão distintas de seu emprego. Isso ocorreu com o carro-de-combate e com o avião, na maneira como foram incorporados às Forças Armadas da França e da Alemanha.

No caso da França, é preciso antes compreender sua postura política. Tendo-se debilitado na Primeira Guerra Mundial e confiante no sucesso da Liga das Nações, como entidade de garantia da paz, voltou-se o país apenas para seus problemas internos. Sua reconstrução econômica e social passou a ser seu grande objetivo político. Essa postura introvertida rapidamente alcançou os demais setores da nação.

Assim foi, também, nas Forças Armadas, onde imperavam as táticas vitoriosas na Primeira Guerra Mundial, fazendo prevalecer a crença no poder das ações defensivas. Uma de suas conseqüências diretas foi o planejamento e construção da Linha Maginot, um conjunto de fortificações que se estendia por toda a fronteira com a Alemanha.

Outra conseqüência da postura adotada foi a doutrina tática concebida para carros-

de-combate e aviões. A solução pouco inovadora para os carros previa que eles deveriam ser empregados dispersos pelo campo de batalha e apenas em tarefas de apoio. Os aviões, por sua vez, deveriam se restringir a realizar bombardeios estratégicos desvinculados do combate terrestre.

Podemos notar, nesse ponto, que o desenvolvimento da doutrina de emprego desses meios foi negativamente influenciado pela atitude política. Uma postura política acanhada gerando uma doutrina pouco audaciosa, o inverso do que viria a ocorrer na Alemanha.

O desenvolvimento da doutrina alemã

A Alemanha foi a grande derrotada da Primeira Guerra Mundial. Perdeu territórios e grande parte de suas Forças Armadas. Não perdeu, entretanto, sua capacidade de inovação.

As dificuldades enfrentadas pelo país abriram espaço para o surgimento de uma nova liderança política. Ao assumir o poder, Hitler começou a colocar em prática suas teorias sobre a necessidade de expansão territorial. Essa postura imperialista demandava Forças Armadas ofensivas. A conjunção da vontade política com suas demandas estratégicas criou o terreno fértil para as inovadoras idéias de emprego do carro-de-combate e do avião.

O grande regente dessas mudanças foi o General Heinz Guderian. Sua determinação pessoal convenceu a liderança política da viabilidade dessas idéias. Guderian, então, cuidou pessoalmente do detalhamento das concepções de emprego desses meios, da reestruturação da tropa, do treinamento dos homens, culminando com a criação de uma nova força: uma divisão de carros-de-combate, a Divisão Panzer.

Essa organização ia muito além da simples reunião dos carros sob um comando independente. A ela, também, estava associado o novo uso que se dava à aviação. Os aviões pas-

sariam a apoiar diretamente as ações em terra, substituindo a própria artilharia, quando esta não pudesse acompanhar o ritmo acelerado de avanço dos carros.

Cabe ressaltar que essas inovações só foram possíveis devido à flexibilidade estrutural de seus exércitos e à capacidade de comando e controle criada. O uso militar de rádios, na comunicação entre os carros e com os aviões, e a liberdade de manobra conferida aos comandantes em todos os níveis permitiam a completa exploração das vantagens da velocidade de avanço. Não havia mais a necessidade de se interromper o movimento para reorganizar a força e aguardar novas ordens. Todos deveriam preocupar-se em aproveitar as oportunidades para penetrar fundo nas defesas, confundindo e paralisando a capacidade de comando e controle do inimigo. É interessante notar a combinação surgida entre os princípios de guerra da unidade de comando² e da exploração³.

O uso combinado das divisões Panzer, da aviação, dos rádios e da liberdade de manobra de seus comandantes permitiu aos alemães conceber uma doutrina de emprego desses meios num dispositivo altamente ofensivo, onde as vantagens do sistema como um todo eram bem superiores à soma das vantagens de suas partes componentes. Esse efeito sinérgico, que conferia rapidez e poder de fogo aos ataques, foi uma das razões do sucesso alemão em Sedan.

A RUPTURA EM SEDAN

Os planos de guerra

Tendo sido deflagrada a Segunda Guerra Mundial, França e Alemanha ultimaram seus

planos de guerra para um enfrentamento comum. A França elaborou o Plano Dyle e a Alemanha o Plano Amarelo.

O Plano Dyle, em consonância com uma estratégia meramente defensiva, visava a deter uma eventual invasão alemã feita através dos Países Baixos, nos mesmos moldes do Plano Schlieffen, na Primeira Guerra Mundial. Do ponto de vista francês, essa parecia ser a alternativa mais plausível. Havia, contudo, duas outras opções de avanço: uma, ao sul, na fronteira com a Alemanha, que obrigaria o inimigo a entestar a Linha Maginot, e outra, ao centro, onde essas tropas teriam de atravessar a região das Ardenas. Essa região da Europa, localizada entre Luxemburgo e Bélgica, apresenta um relevo extremamente montanhoso, coberto por densa vegetação, o que torna o movimento de veículos quase impossível.

Assim sendo, o plano francês consistia basicamente em concentrar os melhores exércitos na fronteira com a Bélgica, para, no caso do início de uma invasão alemã pela Holanda, deslocar essas forças até a margem do Rio Dyle, dentro do território Belga. As frentes menos ameaçadas, ao sul e no centro, seriam guarnecidas por tropas de qualidade inferior.

O Plano Amarelo, por sua vez, buscava explorar as deficiências do sistema defensivo francês. Para tal, foi planejado um ataque inicial ao norte, contra os Países Baixos, com o mero intuito de atrair as forças aliadas até o Rio Dyle. Um outro ataque foi planejado ao sul, sobre a Linha Maginot, apenas para que as tropas francesas ali localizadas não pudessem ser deslocadas para outro setor. E o ataque principal, liderado pelo próprio Guderian, se daria no se-

² De acordo com a Doutrina Militar de Defesa (DMD), o princípio da unidade de comando compreende, dentre outras, as idéias básicas de se delegar a autoridade adequada às tarefas determinadas e ao emprego de um sistema de comunicações confiável.

³ De acordo com a DMD, o princípio da exploração está vinculado ao grau de controle necessário e à capacidade de julgamento dos comandantes, para que estes possam intensificar suas ações ofensivas ao perceberem a ocorrência de um sucesso inicial.



tor central da frente de contato, através das Ardenas, buscando explorar ao mesmo tempo os princípios da surpresa¹, da massa² e da ofensiva³, com o emprego das divisões Panzer sobre o ponto mais vulnerável da defesa inimiga.

A ofensiva alemã

Em 10 de maio de 1940, os alemães iniciaram seu ataque no setor norte. Os exércitos aliados, franceses e ingleses, reagiram conforme o previsto, avançando e se estabelecendo no corte do Rio Dyle. Três dias depois, no setor central, as divisões Panzer surpreendiam a defesa inimiga, atingindo o Rio Mosa, após cruzarem com sucesso as Ardenas.

O Rio Mosa, nesses dias, particularmente na cidade de Sedan, foi o palco de um dos maiores acontecimentos militares de toda a história.

Ali se materializou o gênio militar de Guderian. Todo o esforço de concepção, organização e treinamento da *Blitzkrieg* pôde ali ser posto à prova. A aviação bombardeou intensamente as defesas francesas, que, atordoadas, começaram a entrar em pânico. Os carros-de-combate rapidamente lograram êxito em abrir uma brecha para a sua penetração.

Ao êxito inicial, Guderian acresceu o ponto

forte de seu sistema de guerra: a velocidade na exploração do sucesso. As táticas até então consagradas previam que, após a ruptura de uma defesa, se deveria aguardar pela chegada de tropas que alargariam a brecha. Guderian não parou. Ao contrário, lançou-se firme e velozmente através do norte da França rumo ao Canal da Mancha. Em apenas sete dias, atingiu o litoral francês. As tropas aliadas ficaram divididas. Uma parte se encontrava mantendo a Linha Maginot, e o restante todo ficou retido na Bélgica, tendo no seu flanco sul a incômoda presença do forte Exército alemão.

Restou aos aliados, pressionados que estavam em seu setor sul, apenas a opção de tentar a difícil empreitada de retirar todos os seus homens por via marítima, transferindo-os para a Inglaterra. O que se viu, então, foi uma das maiores operações militares de todos os tem-

¹ Com relação a esse princípio de guerra, a DMD enfatiza a importância da dissimulação e da velocidade no esforço para surpreender o inimigo.

² O princípio da massa, segundo a DMD, não se refere, apenas, à simples idéia de concentrar forças para um ataque, e sim ao emprego dessas forças em locais e em momentos decisivos.

³ O princípio da ofensiva, segundo a DMD, implica levar a ação bélica ao inimigo em condições que não sejam de sua escolha, de forma a se obter a iniciativa das ações e poder explorar as fraquezas desse inimigo.

pos. Em apenas dez dias, mais de 338.000 homens foram retirados de Dunquerque, no litoral norte da França.

Após a retirada das tropas aliadas ao norte, os alemães puderam se voltar para o sul, para Paris. Novas ofensivas foram lançadas nessa direção. O pânico que tomara conta das tropas agora dominava o setor político também. Receoso de provocar consequências devastadoras à população, o Governo francês assinou o armistício em 22 de junho. A França se retirou de cena, pelo menos em tese, e o conflito mundial se alastrou pelo mundo, envolvendo outras nações e perdurando por mais cinco longos anos.

CONCLUSÃO

A ruptura em Sedan foi um acontecimento militar de grande importância para a teoria da guerra. Isso certamente se deveu à conjunção de inúmeros fatores, alguns dos quais serão destacados na presente conclusão.

Um dos fatores mais importantes foi a comprovação prática de que a política pode influir, tanto positivamente como negativamente, na concepção estratégica, e até mesmo tática, do uso militar de força.

Na França, o que se viu foi uma política introvertida, gerando estratégias defensivas, colocando seus exércitos em trincheiras e preparando-os para lutar com táticas ultrapassadas.

As inovações tecnológicas que se apresentaram tiveram seu emprego sacrificado em prol da manutenção da forma de combater vitoriosa na Primeira Guerra Mundial.

A Alemanha, por sua vez, se preparou para uma guerra futura e ousou alterar os padrões de combate, adaptando o emprego de novas tecnologias a uma estratégia eminentemente ofensiva. Cabe ressaltar que essa estratégia se coadunava plenamente com as ambições expansionistas de sua liderança política. E foi essa combinação da vontade política com a estratégia que permitiu o surgimento dessa nova concepção de emprego de força.

Os alemães, portanto, souberam incorporar inovações, desenvolver táticas de emprego e reorganizar suas forças para melhor explorar as potencialidades desses meios. Essa flexibilidade, mental e organizacional, em muito contribuiu para esse fabuloso desenvolvimento doutrinário, onde o efeito do todo era bem superior à soma dos efeitos das partes isoladas.

Como último fator, podemos ressaltar que a *Blitzkrieg* – a revolucionária forma de combate praticada em Sedan – devolveu o movimento ao campo de batalha. E assim o fazendo, permitiu que princípios de guerra, como os da surpresa, da massa, da ofensiva e da exploração, soterrados nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, voltassem a ter grande peso na conduta e na teoria da guerra. ☺

Referências bibliográficas

1. ARMOR in World War II: german armored theory and doctrine. ABR/96. Disponível em: <<http://www.geocities.com/CapitolHill/Congress/1418/armor2.htm>>. Acesso em: 20/JUN/02.
2. BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina Militar de Defesa (DMD)*. Brasília, 2001.
3. GOUTARD, A. *A guerra das ocasiões perdidas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.
4. FULLER, John F. C. *A conduta da guerra: de 1789 aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1966.
5. WILLIAMS, John. *França – 1940: a catástrofe*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.